

Unidade II

3 NÍVEIS DE FALA

Antes de considerar aspectos que envolvem linguagem e comunicação, convém estabelecer algumas distinções entre língua e linguagem. A língua é um dos códigos que permitem a comunicação; é um sistema de signos e suas combinações. Linguagem é, segundo Mattoso Câmara: "a faculdade que tem o homem de exprimir seus estados mentais por meio de um sistema de sons vocais chamado língua" (CÂMARA, s. d.).

A língua é uma instituição social, pertence a todos os indivíduos da mesma comunidade; apresenta caráter abstrato, uma vez que é um código, um sistema de signos, mas se concretiza por meio dos atos de fala.

O processo de comunicação pode se realizar pela língua oral ou pela escrita. Embora a língua seja a mesma, a expressão escrita difere muito da oral, sendo ponto pacífico, largamente comprovado, que ninguém fala como escreve ou vice-versa.

3.1 Modalidades da língua: oral e escrita

Originalmente, só havia a língua falada; a escrita apareceu em estágios mais avançados da civilização, mas até hoje ainda existem línguas ágrafas, isto é, sem escrita. Entretanto, a linguagem escrita adquiriu, no decorrer do tempo, alto prestígio, a ponto de nos esquecermos de que, anterior a ela, há uma linguagem oral que lhe serve de suporte.

Na verdade, a escrita é apenas uma tentativa imperfeita de reprodução gráfica dos sons da língua. É tentativa imperfeita porque os grafemas (letras) não correspondem com exatidão aos fonemas (sons). Assim, temos palavras como, por exemplo, cheque, em que os fonemas (sons) são representados por seis grafemas (letras). Há também, além dos dígrafos (ch, nh, qu, rr, ss), o caso dos diversos sons do x, do s ou c e do grafema h, conservado no início de algumas palavras, por razões etimológicas, ainda que não represente nenhum som, nesta situação.

Algumas características da linguagem oral, tais como entonação, timbre, volume, ênfase, pausas, velocidade da enunciação e muitas outras, são impossíveis de ser representadas graficamente. Essas características podem ser precariamente reproduzidas pelos sinais de pontuação (exclamação, interrogação, reticências, hífen, parênteses, travessão etc.), pelo emprego de maiúsculas, de negrito, itálico e de sublinhas.

A língua falada pressupõe contato direto com o falante, o que a torna mais concreta; é mais espontânea, não apresentando grande preocupação gramatical. Seu vocabulário é mais restrito, mas está em constante renovação.

A linguagem escrita mantém contato indireto entre quem escreve e quem lê, o que a torna mais abstrata; é mais refletida, exige grande esforço de elaboração e obediência às regras gramaticais. Seu vocabulário é mais apurado e é, por natureza, mais conservador.

A língua falada conta com recursos extralinguísticos, contextuais, tais como gestos, expressões faciais, postura, que muitas vezes completam ou esclarecem o sentido da comunicação. A presença do interlocutor permite que a língua falada seja mais alusiva, enquanto a escrita é menos econômica, mais precisa.

Assim como a linguagem escrita apresenta níveis ou registros, a oral também apresenta algumas variedades. Em situações formais, o falante procura observar as normas gramaticais, a pronúncia é mais cuidada, as palavras terminadas em r ou s merecem especial atenção.

Na linguagem familiar, em situações informais, as preocupações com a clareza e correção vão-se tomando menos evidentes.

Do ponto de vista gramatical, as duas linguagens, escrita e falada, apresentam características específicas, cientificamente comprovadas. De maneira geral, as principais construções gramaticais observadas são:

- Linguagem oral: que consiste na repetição de palavras, emprego de gíria e neologismos, maior uso de onomatopéias, emprego restrito de certos tempos e aspectos verbais, colocação pronominal livre, supressão dos relativos (cujo, por exemplo, frases feitas, chavões, anacolutos (rupturas de construção), formas contraídas, omissão de termos no interior das frases, predomínio da coordenação.
- Linguagem escrita: tem vocabulário rico e variado, emprego de sinônimos, emprego de termos técnicos, vocábulos eruditos, substantivos abstratos, uso dos tempos verbais mais-que-perfeito, subjuntivo, futuro do pretérito, colocação pronominal de acordo com a gramática, recorrência de pronomes relativos, variedade na construção das frases, sintaxe bem-elaborada, frases inacabadas, frases bem-construídas, clareza na redação, sem omissões e ambiguidades e emprego de coordenação e subordinação.

3.2 Níveis da linguagem

Para que o ato de comunicação seja eficiente é indispensável, entre outros requisitos, o uso adequado do nível de linguagem.

Os dois grandes níveis de fala, o coloquial e o culto, são determinados pela cultura e formação escolar das pessoas e também recebem influência do grupo social a que pertencem ou da situação concreta em que a língua é utilizada. Um falante adota modos diferentes de falar dependendo das circunstâncias em que se encontra: conversando com amigos, expondo um tema histórico na sala de aula ou dialogando com colegas de trabalho.

A língua, segundo o linguista Ferdinand de Saussure, "é a parte social da linguagem"; isto é, ela pertence a uma comunidade, a um grupo social – a

língua portuguesa, por exemplo. A fala é individual, diz respeito ao uso que cada falante faz da língua. Nem a língua nem a fala são imutáveis. Uma língua evolui, transformando-se foneticamente, adquirindo novas palavras, rejeitando outras. A fala do indivíduo modifica-se de acordo com sua história pessoal, suas intenções e sua maior ou menor aquisição de conhecimentos.

O nível culto é utilizado em ocasiões formais pelas pessoas que conhecem bem o código linguístico, pois é uma linguagem mais obediente às normas gramaticais. O nível culto segue a língua-padrão, também chamada norma culta ou norma-padrão.



Lembrete

A linguagem falada nas salas de aula das universidades pertence ao nível culto.

Possível linguagem comum fica entre o culto e o popular.

O nível coloquial ou popular é utilizado na conversação diária, em situações informais, descontraídas. É o nível acessível a qualquer falante e se caracteriza por:

- Expressividade afetiva, conseguida pelo emprego de diminutivos, aumentativos, interjeições e expressões populares:

— É só uma **mentirinha**, vai!

— Você me deu um **trabalhão**, **nem te conto**!

- Tendência a cometer erros em relação à **morfossintaxe**:

— Você **viu ele por aí**?

— **Você** me *empresta* **teu** carro?

- Repetição de palavras e uso de expressões de apoio:

— **Né?**

— **Você está me entendendo?**

— Falou!¹

¹Disponível em: <<http://www.klickeducacao.com.br/2006/materia/21/display/0,5912,POR-21-98-861-,00.html>>.

Acesso em: 11 jan. 2011.

As gírias e expressões populares ouvidas nas feiras livres são um bom exemplo do nível coloquial ou popular.

Vários autores estabeleceram a classificação dos dialetos, levando em conta os fatores socioculturais; dentre eles, destacamos Dino Preti (1982, p. 32), que apresenta o seguinte esquema:

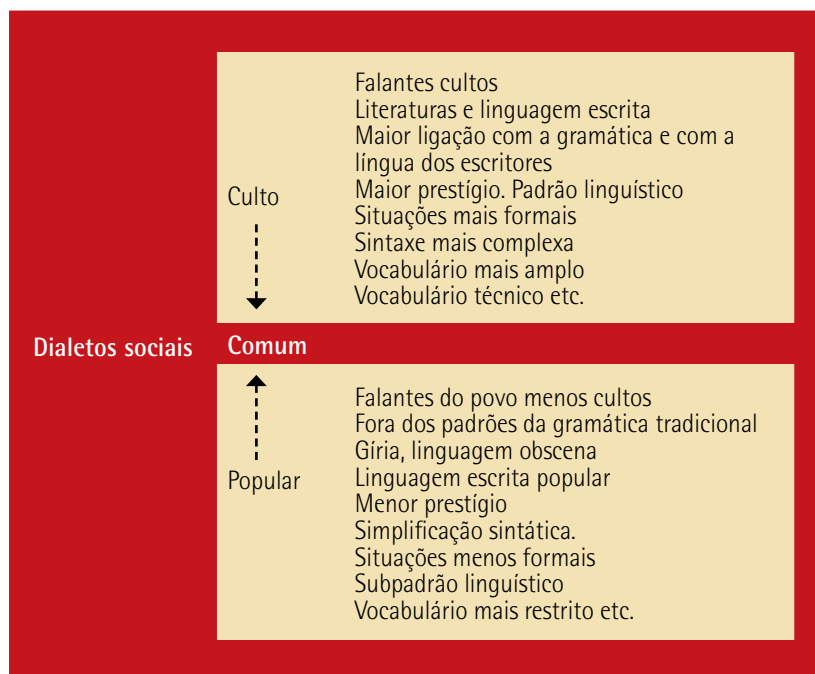


Figura 6 – Classificação dos dialetos.

É uma variante da língua falada por um grupo social ou etário. É a fala mais variável de todas, pois as expressões entram e saem "da moda" com muita frequência, sendo substituídas por outras. Algumas gírias incorporam-se ao léxico, dando origem a palavras derivadas. É o caso de *dedo-duro*, que deu origem a *dedurar*.

As variedades geográficas ou diatópicas são as variantes de uma mesma língua que identificam o falante com sua origem tradicional. Podemos distinguir entre elas:

Dialeto: variantes da língua comum utilizadas num espaço geográfico delimitado. O dialeto é o resultado da transformação regional de uma língua nacional (o idioma). O açoriano e o madeirense, por exemplo, são dialetos do Português. Algumas línguas têm uma origem histórica comum. Mas por razões políticas ou econômicas uma delas ganhou *status* de língua, enquanto outras permaneceram como dialetos. As línguas românicas eram dialetos do latim.

Falares: modalidades regionais de uma língua cujas variações não são suficientes para caracterizar um dialeto. Às vezes são apenas algumas palavras ou expressões ou mesmo certos tipos de construção de frases. A esse uso regional da língua também se dá o nome de regionalismo.²

Atividade

Imaginemos um recém-graduado em Administração, nascido e criado em centro urbano como, por exemplo, São Paulo, convidado a trabalhar na zona rural com parceiros que nasceram e criaram no interior do Estado. O recém-graduado deve:

- a) considerar errada a linguagem empregada pelas pessoas locais quando elas não fizerem, por exemplo, a concordância ("Os gado está gordo"; "As fazendas dá lucro"...)
- b) agir com preconceito e tentar ensinar a forma correta de falar a língua portuguesa.
- c) rir da forma diferenciada de como as pessoas locais usam oralmente a língua.
- d) considerar com naturalidade o fato de que a língua varia geograficamente.
- e) comunicar-se apenas com pessoas locais que usam a língua portuguesa como ele.

Resposta

A alternativa correta é a d). Um ponto importante em estudar a interpretação e produção de textos é a consciência de que a língua varia em seus diversos usos. O pai/a mãe usam a língua afetivamente com o filho; o jovem usa muita gíria; cada parte do país tem uma forma de falar a língua, criando dialetos. Assim, um recém formado, ao sair de sua esfera linguística, precisa aprender a respeitar outras formas de usar a língua.

As línguas especiais são utilizadas por grupos de pessoas, dedicadas a múltiplas atividades científicas e profissionais, que fazem uso de uma língua especial. Falamos da linguagem técnica, burocrática e da informática. Sua característica fundamental é o vocabulário próprio, o uso de uma série de nomes, adjetivos e verbos específicos de cada ciência ou atividade, conhecidos pelo nome de tecnicismos. As regras gramaticais para essa linguagem são, geralmente, as mesmas da língua-padrão.

A linguagem científica e técnica consiste na língua empregada pela investigação científica e a especialização nas diversas disciplinas, que exigem permanentemente uma adequação terminológica para designar com precisão as novas realidades: conceitos, processos, novas tecnologias e máquinas.

Apesar da abrangência e diversidade das ciências (astronomia, biologia, medicina, química) e do riquíssimo vocabulário de cada uma, podemos citar alguns aspectos comuns no uso das línguas especiais:

³Disponível em: <<http://www.klickeducacao.com.br/2006/materia/21/display/0,5912,POR-21-98-861-,00.html>>.

Acesso em: 11 jan. 2011.

- Universalidade: todos devem compreender da mesma maneira o conteúdo semântico dos termos.
- Objetividade: a interpretação não pode variar de pessoa para pessoa nem depender das circunstâncias em que se utiliza o vocabulário.
- Verificabilidade: o que se afirma deve poder ser demonstrado.
- Clareza: deve ser exata e objetiva.
- Precisão: deve referir-se a alguma coisa com exatidão.



Observação

A Bolsa de Valores usa uma linguagem particular, que possui muitos termos específicos.

As palavras novas – ou neologismos – das ciências não se criam gratuitamente, mas sua origem é bem variada. Os principais processos são:

Mecanismos próprios da língua:

derivação: *mostra* > *amostragem*.

Composição: *neuro* + *linguística* = *neurolinguística*.

Lexemas e morfemas de origem grega ou latina:

Audímetro, tomografia, densiometria.

Empréstimos estrangeiros:

Chips, flashback, deck.

Uso de siglas:

DDD (discagem direta a distância).

Alguns exemplos de línguas especiais:

Linguagem jurídica e administrativa:

O campo do direito é muito amplo. Existe o direito civil, o penal, o administrativo, o mercantil, o canônico, o processual, entre outros. Essa diversificação resulta em um vocabulário muito variado e específico:

- Objetividade: é extremamente importante, pois a subjetividade dificultaria sua função social.

- Amplitude: é necessário legislar para todos os cidadãos.
- Clareza e concisão: ela precisa ser compreendida por todos os interlocutores.

A terminologia jurídica e administrativa consiste no emprego de:

- Palavras obtidas da linguagem cotidiana: extrajudicial, decreto-lei.
- Palavras e expressões latinas: *ab initio* (desde o princípio); *ipso facto* (por isso mesmo); *usufruto*.
- Termos arcaicos: *débito* (em vez de dívida).
- Fórmulas: em virtude do acordado.
- Abundância de apartes e citações.

Linguagem bancária:

O sistema bancário, dedicado a negociar dinheiro e realizar outras operações comerciais e financeiras, tem um léxico próprio:

- Investimento: aplicação de capitais em títulos.
- Crédito: empréstimo de dinheiro.
- Juros: valor pago pelo empréstimo recebido.
- CDB: certificado de depósito bancário.

Linguagem da informática:

A informática é um campo de atividade que se ocupa do tratamento da informação em um meio físico automatizado, o computador. Sua linguagem, bastante específica, vem se incorporando com rapidez à língua cotidiana:

- *Hardware*: conjunto de componentes físicos do computador
- *Software*: conjunto de programas do computador
- Programa: conjunto de instruções de uma linguagem de computador
- *MSN, Facebook, Google, YouTube, blog etc.*

Linguagem do cinema e da teledramaturgia:

Os métodos e técnicas empregados no cinema e na teledramaturgia possuem uma linguagem variada e bastante característica:

- Tema e argumento: mensagem do filme, apresentada em sequências e cenas.
- Roteiro cinematográfico: apresenta os diálogos, situações dos personagens, movimentos das câmeras, planos, iluminação e sons.
- Planos:
 - Grande plano geral (GPG) – enquadramento geral.
 - Plano geral (PG).
 - Primeiro plano (PP) – a câmera destaca apenas uma parte do assunto; no caso de personagens, enquadra somente o rosto ou as mãos.
 - Plano americano – enquadramento dos personagens a meio corpo; utilizado nos diálogos.

Linguagem publicitária:

Tem por objetivo informar o público consumidor sobre as características e utilidades de um determinado produto, com o objetivo de induzi-lo ao consumo. Além dos cartazes e folhetos, que são seus meios próprios, a imprensa, o rádio e a televisão são os canais de divulgação privilegiados dessa linguagem:

A linguagem publicitária deve ser:

- Visível: para tanto, lança mão das fotografias, do jogo de cores, da variedade de letras e símbolos.
- Fácil de lembrar: por meio de jogos de palavras e *slogans* fáceis de memorizar.
- Legível.
- Impactante.³

³Disponível em: <<http://www.klickeducacao.com.br/materia/21/display/0,5912,POR-21-98-854-5774,00.html>>. Acesso em: 11 jan. 2011.



Saiba mais

As obras abaixo relacionadas poderão enriquecer sobremaneira o conhecimento e domínio de técnicas de redação:

CAMPEDELLI, S. *Produção de textos e usos da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

FARACO, C. A. *Prática de texto*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

ABREU, A. S. *Curso de redação*. 11. ed. São Paulo: Ática, 2002.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

CÂMARA JR., J. M. *Manual de expressão oral e escrita*. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1961.

ENKVIST, N. *et al. Linguística e estilo*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultural Cultrix, 1970.

FIGUEIREDO, C. *Redação publicitária*. Sedução pela Palavra. São Paulo: Thomson, 2005.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1969.

HOFF, T.; GABRIELLI, L. *Redação Publicitária*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2004.

LAGE, N. *A linguagem jornalística*. São Paulo: Ática, 1990.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1976.

4 ESTRUTURA INTERNA DO TEXTO

Um texto pode ser criado em diversas formas, de acordo com a sua finalidade ou funcionalidade, lembrando sempre que um texto comporta três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. Introdução “é o que não admite nada antes e pede alguma coisa depois”, segundo Aristóteles. Serve para situar o leitor dentro do assunto a ser desenvolvido, não apresentando fatos ou razões, pois sua

finalidade é predispor o espírito do leitor para o que virá a seguir. Desenvolvimento é o corpo do trabalho propriamente dito. Nele são apresentados os fatos, as ideias e as razões, exigidos pelo que foi anunciado na introdução. A conclusão ou fecho "é o que pede alguma coisa antes e nada depois", ainda no dizer de Aristóteles. É o conjunto que encerra o texto, de tal modo que seja desnecessário aduzir-se algo mais.

Produzir texto implica domínio de capacidades linguísticas. Assim, estamos diante de processos intelectuais que envolvem, basicamente, dois momentos: o de formular pensamentos (aquilo que se quer dizer) e o de expressá-los por escrito (o redigir propriamente dito). Fazer uma redação – seja ela de que tipo for – não significa apenas a atuação de uma capacidade de escrever de forma correta, mas, sobretudo, a de organizar as ideias sobre determinado assunto.

A linguagem escrita, basicamente diferente da linguagem oral, está, conforme diz Mattoso Câmara Jr. (1961):

[...] em essência relacionada com a linguagem literária. Um livro técnico, uma monografia, um artigo de jornal ou de revista não são – nem devem procurar ser – literatura no sentido estrito do termo, mas a ela se ligam pelo cordão umbilical de sua natureza de trabalho escrito.

Assim, a condição básica para redigir bem é que se tenha presente e claro o conteúdo do que se quer expressar. "O que é bem concebido", diz Boileau (1979), "se enuncia claramente." Isto quer dizer que as coisas devem estar claras para nós antes de serem comunicadas (ao outro ou pelo papel).

Daí a importância que assume para uma boa redação a bagagem cultural de quem escreve.

Diz o professor Mattoso Câmara Jr. (1961):

A Arte de escrever precisa assentar [...] numa atividade preliminar já radicada, que parte do ensino escolar e de um hábito de leitura inteligentemente conduzido; depende muito, portanto, de nós mesmos, de uma disciplina mental adquirida pela autocritica e pela observação cuidadosa do que outros com bom resultado escreveram.

Isto quer dizer aprender os padrões linguísticos observando como escrevem os bons escritores.

Mas se a observação cuidadosa dos bons modelos e a assimilação de padrões linguísticos são recursos para obter uma boa forma na escrita, é preciso que não se perca de vista que na experiência de redigir entram, como elementos fundamentais, a inventividade e a percepção da realidade que tem aquele que escreve.

Se o ato de escrever parte de uma formulação de pensamentos, é preciso que esses pensamentos se organizem de forma criadora, estimulados pela sensibilidade, pela consciência viva do mundo que nos rodeia, pela descoberta de relações, por uma visão própria da realidade. A esta capacidade de renovar o real e apresentá-lo à nossa maneira, chamamos, em geral, criatividade e ela é uma das molas mestras para a consecução da boa redação.

São assim etapas do processo de escrever:

1 A criação e formulação de ideias (conceber e organizar).

2 A expressão escrita dessas ideias.

Na segunda fase é que se torna muito importante o domínio do código escrito, ou seja, a boa execução da linguagem.

4.1 A expressão escrita

A linguagem escrita, por sua natureza diferente da linguagem oral, tem de ser mais elaborada, mais clara, mais definida. Quem escreve não conta com os recursos do gesto, do tom, da mímica, das pausas de que dispõe aquele que fala. Quem fala tem o ouvinte a sua frente e se dirige a um público definido num contexto definido. Ninguém escreve como fala, embora modernamente a língua escrita, em seu uso diário, coloquial, se aproxime mais da língua falada.

Quando escrevemos, desligamo-nos do tempo e do espaço. Não podemos em geral determinar onde e quando vamos ser lidos. Esta é uma característica da língua escrita; é essa impessoalidade também que faz com que o código escrito seja mais fixo do que o oral (a língua falada). É também por essa maior permanência da forma escrita que se assegura a continuidade da tradição linguística dos povos.

Começamos pelo **parágrafo**, cuja estrutura e composição se relacionam com as ideias que queremos expressar. Temos ideias reunidas num parágrafo quando elas se relacionam entre si pelo seu sentido. Dentro do mesmo parágrafo podemos ter diferentes ideias, desde que elas, reunidas, formem uma ideia maior. São qualidades principais do parágrafo a unidade e a coerência.

Tópico frasal é o parágrafo inicial que resume os dados essenciais do texto, seguindo o esquema narrativo das perguntas: o que, quem, quando, onde, como e por quê. Sua função é dupla: captar a essência do se quer dizer e, ao mesmo tempo, prender a atenção do leitor.

O **período** contém um pensamento completo que, embora se relacionando com os anteriores ou se ampliando nos posteriores, forma um sentido completo.

Era uma borboleta. Passou roçando em meus cabelos, e no primeiro instante pensei que fosse uma bruxa ou outro qualquer desses insetos que fazem vida urbana; mas, como olhasse, vi que era uma borboleta amarela (BRAGA, 1963).

Temos aqui um parágrafo, com dois períodos. O primeiro período tem apenas uma ideia. O segundo tem várias, mas forma um todo. No total, o primeiro e o segundo período formam um bloco homogêneo, o parágrafo.

O período pode ser simples, como a frase "Era uma borboleta" ou composto, como a frase "Passou roçando [...] borboleta amarela". No período simples temos apenas uma oração, no período composto temos várias orações articuladas entre si.

A predominância de períodos longos ou curtos na composição de um texto depende muito do estilo de quem escreve. Na linguagem moderna predomina o uso de períodos curtos. Exemplo:

Depois, as coisas mudaram. Há duas explicações para isso. Primeira, que nos tornamos homens, isto é, bichos de menor sensibilidade. Segunda, o governo, que mexeu demais na pauta dos feriados, tirando-lhes o caráter de balizas imutáveis e amenas na estrada do ano... Multiplicaram-se os feriados enrustidos, ou dispensas de ponto e de aula, e perdemos, afinal, o espírito dos feriados (DRUMMOND, 1966).

Nesse parágrafo de Carlos Drummond de Andrade, escritor brasileiro, os períodos curtos predominam.

Por outro lado, em escritores do Romantismo, os períodos longos eram frequentes e abundantes, como, por exemplo, neste trecho de José de Alencar (2004):

Felizmente todo o deserto tem seus oásis, nos quais a natureza, por um faceiro capricho, parece esmerar-se em criar um pequeno berço de flores e de verdura, concentrando nesses cantinhos de terra toda a força de seiva necessária para fecundar as vastas planícies.

O uso de períodos curtos oferece a vantagem de maior clareza de pensamento (e, em última análise, de comunicação), evitando-se o perigoso entrelaçamento de frases em que se pode perder quem utiliza períodos muito longos.

No período composto, os pensamentos podem se articular por *coordenação* ou *subordinação*.

Na coordenação há um paralelismo de funções ou valores sintáticos iguais. Exemplos:

- 1 "Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava [...]" (AZEVEDO, 2009).
- 2 "Esteve resignado e fazia compridos progressos na senda da conversão" (ROSA, 1994).

Nesses exemplos, a *conexão* é feita pelas conjunções coordenativas através de um processo chamado de *encadeamento*. Pode ocorrer também que a coordenação se expresse na frase apenas pela pontuação. É o chamado processo de *justaposição*. Exemplo:

- 1 "Estou numa esquina de Copacabana, são duas horas da madrugada" (SABINO, 1962).

Na subordinação, no dizer de Othon Moacyr Garcia, não há paralelismo, mas um processo de hierarquização. Assim, a oração subordinada é um fragmento de frase, uma parte de outra, a principal. Exemplos:⁴

1 "Quando a senhora foi descer do lotação, **o motorista coçou a cabeça**" (DRUMMOND, 1966).

2 "**Ela teve a esperteza** de nunca me pedir nada que eu não pudesse dar" (Idem).

3 "**Resolvi logo vir direto ao Rio**, aproveitando a correspondência com o noturno" (BANDEIRA, 2006).

Há períodos ainda em que, embora haja uma coordenação gramatical, há uma subordinação psicológica. Exemplo:

1 Não foi, logo não teve a decepção de assistir a tudo (neste caso, a primeira oração é causa da segunda).

A justaposição gramatical (a chamada coordenação assindética) é usada frequentemente nas narrativas breves e nas descrições. Exemplos:

1 "Houve facadas, tiros, cachações" (BARRETO, 1979).

2 "A noite, límpida e calma, tinha sucedido a uma tarde de pavorosa tormenta, nas profundas e vastas florestas...". (GUIMARÃES, 2010).

3 "Ergui-me do banco, olhei o relógio, saí depressa, fui trabalhar, providenciar, telefonar..." (BRAGA, 1963).

Quanto à natureza dos pensamentos ligados pelos períodos compostos, podemos verificar que as orações podem revelar:

1 Uma concatenação simples.

"Ela embebeu os olhos nos olhos do seu amigo, lânguida reclinou a loura fronte" (ALENCAR, 2010).

2 Um contraste.

"Eram casados há mais de vinte anos mas só tinham uma filha" (BARRETO, 1999).

3 Uma explicação.

"Como escurecia, o Diretor fez o clarim chamar à forma" (POMPÉIA, 2010).

⁴As orações principais estão em negrito.

4 Uma subordinação em geral.

"Quando o testamento foi aberto, Rubião quase caiu para trás" (ASSIS, 2000).

Finalmente, lembramos que pela construção psicológica da frase pode-se quebrar sua estrutura lógica, em favor da ênfase ou do realce que se deseja dar às partes das frases.

Assim, pode ocorrer que uma oração logicamente subordinada apareça numa frase autônoma. Como, por exemplo, neste trecho de Manuel Bandeira: "Chegados na estação soubemos que o trenzinho vinha com atraso de 2 horas. Apenas."

Vemos, portanto, que a análise lógica, instrumento para a compreensão da estrutura lógica da frase, não abrange todos os aspectos da expressão, dos quais participam como elementos importantíssimos nossos desejos e emoções.

No caso da pontuação no interior das frases, é pela compreensão da estrutura lógica que melhor podemos sentir sua necessidade. Sabemos, por exemplo, que dentro da oração usa-se a vírgula para:

1 separar palavras ou expressões da mesma categoria.

"[...] outros têm mulher, filho, quadro abstrato ou coleção de selos" (IVO, 1973).

2 destacar advérbios ou expressões adverbiais.

"Cinco minutos depois, era obrigado a dar a mesma explicação" (idem).

3 separar o *aposto*.

"Músico de ouvido, tinha olhos de bom contemplador das obras de Deus..." (IVO, 1981).

A análise da oração põe em evidência o verbo, destacando as relações entre seus elementos.

A consciência "instintiva" dessas estruturas é que indica o sentimento linguístico e a boa formulação da frase.

Além das relações entre as frases do período, interessam-nos, na questão da redação, os aspectos morfosintáticos, isto é, as relações entre as palavras (sintaxe) de acordo com suas categorias (morfologia).

Essas relações podem ser, conforme diz o professor Celso Pedro Luft, de *adaptação*, de *dependência* e de *disposição*. Assim é que temos os casos de:

Concordância (adaptação)

Regência (dependência)

Colocação (disposição)

A sintaxe de concordância ocupa-se das flexões dos adjetivos e dos verbos com os substantivos. Assim temos:

Concordância nominal – Em que se estabelecem as relações entre substantivos ou pronomes e adjetivos. Exemplos:

1 Bons trabalhos (os adjetivos e os substantivos concordam em gênero e número).

2 As moças (o artigo concorda com o substantivo a que se refere).

3 Sessenta e duas páginas.

4 Vinte e duas horas.

A concordância nominal é um dos aspectos essenciais na composição da frase.

Concordância verbal – Refere-se à harmonia, ao acordo entre o verbo e seu sujeito (expresso por substantivo ou pronome). Exemplos:

1 Depois, as coisas mudaram (sujeito no plural e verbo no plural).

2 Ele e vocês acreditam nesta luta (a concordância, em sujeito composto, pode ser feita com o termo mais próximo).

Há casos em que a concordância é mais *ideológica* ou *afetiva* do que *lógica*.

1 A gente fica preocupado (se a pessoa que fala ou escreve for do sexo masculino).

Ou, por exemplo, em casos em que, por razões de ordem formal, utilizamos a primeira pessoa do plural (embora seja a pessoa no singular quem escreve).

1 *Dirigimo-nos* a Vossa Senhoria para solicitar-lhe...

A *sintaxe de regência* trata das relações de dependência (de subordinação) dentro da frase. Temos, neste caso:

Regência nominal – determina os tipos de conexão (preposição) exigidos por determinados nomes. Exemplo:

1 Ter-se na *conta de sábio*, ter *confiança* em alguém, *ódio* a alguém, *respeito por* alguém, *atração por* alguma coisa etc.

Regência verbal – refere-se às conexões que determinados verbos requerem. Exemplos:

- 1 Condoer-se de alguém...
- 2 Lembrar-se de alguma coisa...
- 3 Voltar-se para...

As regências nominais e verbais são arroladas sempre nos bons dicionários, os quais é preciso consultar sempre que se duvidar quanto à preposição a ser utilizada na frase. Existem também dicionários especializados em regências, os chamados dicionários de regimes.

Finalmente, a *sintaxe de colocação* trata da ordem dos termos na frase e da disposição das orações no período.

Em Português, a ordem predominante é a direta, isto é, os termos regidos (ou determinados) precedem os regentes (ou determinantes). Exemplos:

1 Ele é um filho bom (*filho* é regido por *bom*).

2 O bloco passava lá fora.

Ordem direta:

- 1 sujeito
- 2 predicado
- 3 adjunto adverbial

A ordem indireta é geralmente adotada por *critérios psicológicos e estilísticos*.

Considere a frase: "Começava o nono mês de sua estadia em Penedo..." (Flávio Moreira da Costa). Nesse caso, o predicado (o verbo) precede o sujeito. A ordem é indireta e o contexto, literário. Outro exemplo: "Curta foi a visita de Rubião" (Machado de Assis). Nesse caso, o predicativo, que normalmente sucede ao verbo, o precede e o sujeito é colocado após. A colocação é, pois, de caráter literário, e visa à maior expressividade da frase. Naturalmente, o abuso na utilização da ordem indireta, sem critérios de gosto e clareza, pode contribuir para tornar a frase obscura, ambígua.

Além das questões de sintaxe, há ainda a considerar aquilo que muitos gramáticos chamam de correção de linguagem.

O conceito de correção está vinculado ao padrão da língua culta e em geral se identifica a preceitos e normas gramaticais. Hoje em dia, o conceito de correção é muito mais flexível e liga-se mais ao conceito

de adequação da linguagem. A linguagem deve ser adequada ao assunto, ao ouvinte ou leitor (aquele para quem falamos ou escrevemos), à situação etc. O uso da língua está na dependência de:

- 1 fatores individuais
- 2 influência da língua popular (os usos)
- 3 interferência das diferenças regionais ou locais.

Para padronizar esses desvios existe a gramática, que funciona como uma disciplina normalizadora.

Muitas vezes, sobretudo no caso da língua literária, infringe-se a gramática; o que deve servir como orientação, aí, é o bom gosto de quem utiliza a língua.

Naturalmente, certos desvios linguísticos que são feitos pelos escritores (que têm a seu favor a autoridade), se usados indiscriminadamente, podem aparecer como erros na língua comum. Há, no entanto, alguns critérios que deverão ser respeitados se se quiser obter um bom desempenho linguístico. São eles basicamente os critérios de correção quanto a:

- 1 Emprego do plural (atendendo-se aí ao plural e às questões de concordância verbal e nominal, verificando-se sobretudo a questão dos nomes compostos).
- 2 Emprego do gênero.
- 3 Formas verbais.
- 4 Formas pronominais.

O uso dos pronomes pessoais oblíquos exige atenção especial. Igualmente os pronomes de tratamento, que são de uma complexidade particular. Outro aspecto formal: a ortografia.

Quando vamos redigir, além dos aspectos da formulação de pensamentos, da escolha das palavras, da estrutura da frase e sua correção gramatical, temos de nos preocupar com um aspecto também importante que é o da representação gráfica daquilo que vamos expressar.

Daí termos de atentar para a *ortografia* (que determina o uso das maiúsculas e minúsculas, pontuação, acentuação gráfica, uso de abreviaturas e siglas, divisão silábica, nomes próprios etc.).

Esses aspectos, que na língua falada não nos preocupam, tornam-se muito importantes para a expressão escrita na medida em que colaboram para a *clareza* da expressão.

É a grafia ou a escrita correta das palavras. No Brasil, usamos as normas estabelecidas pelo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990,

por Portugal, Brasil, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e, posteriormente, por Timor Leste. No Brasil, o Acordo foi aprovado pelo Decreto Legislativo nº 54, de 18 de abril de 1995.

Com relação à ortografia, dois tipos de erros graves podem ser cometidos:

a) erros que revelam o desconhecimento do valor das letras.

b) erros na grafia de palavras já fixadas muito antes de 1931.

Os erros do primeiro tipo indicam pessoas mal alfabetizadas; os do segundo revelam pouca leitura e mau domínio da língua escrita. Sempre que houver dúvidas quanto à grafia deve-se consultar um bom guia ortográfico.

Escreve Mattoso Câmara Jr. (1961): "A eficiência de uma comunicação linguística depende, em última análise, da escolha adequada das palavras".

A questão do significado das palavras é importantíssima. Diante da página do dicionário deparamo-nos com enormes listas de sinônimos em que todos correspondem a uma só palavra, mas que trazem, cada um, uma comunicação diversa.

Assim, a escolha da palavra certa só pode se fazer em função do *contexto* em que ela se encontra.

Com relação ao contexto, podemos identificar um *contexto verbal* (o da página impressa ou manuscrita), um contexto da situação e um da *experiência*. Assim, por exemplo, a palavra *folha* tem muitos significados ou acepções. Exemplos:

1 Órgão vegetal comumente verde que nasce nos caules das plantas.

2 Papel que se imprime de cada vez.

3 Publicação periódica de imprensa.

4 Relação; nota; rol; fatura; registro etc.

No verso "marca a folha do Fausto um colarinho" (Álvares de Azevedo), somente o *contexto* pode determinar o sentido em que a palavra está empregada. Fora do contexto, diz Othon Garcia, as palavras nada significam.

A utilização de sinônimos, por sua vez, concorre para que se evitem as repetições, as redundâncias.

Para isto, o autor pode também recorrer à elipse (supressão) de palavras, ao uso do pronome e a uma nova construção de frase para expressar a mesma ideia. Exemplos de:

1 Elipse

"Os dois tinham ido embora sozinhos. E ele ficara. Com o seu sábado. E sua gripe" (LISPECTOR, 1998).

Omitiu-se o verbo *ficara* duas vezes.

2 Uso do *pronome*

"Eu ontem parei a minha crônica no meio da história da borboleta que vinha pela Rua Araújo Porto Alegre; parei no instante em que ela [...]" (BRAGA, 1963).

Borboleta é aqui substituída pelo pronome *ela*.

3 Substituição de forma por outra expressão:

"O rumor das vozes e dos veículos acordou um *mendigo* que dormia nos degraus da igreja. O pobre diabo [...]" (ASSIS, 2000).

Pobre diabo está em lugar de *mendigo*.

Além da questão dos *sinônimos*, com relação ao sentido das palavras devemos atentar para:

1 Seu sentido *denotativo* (ou referencial) – que é a sua significação mais próxima, mais imediata.

2 Seu sentido *conotativo* (ou afetivo) – que é o sentido sugerido por associações e que está vinculado a emoções, sentimentos, conceitos, portanto de uma realidade menos próxima.

A conotação é a essência da linguagem metafórica e da poética. A poesia é basicamente conotativa, sugestiva, processo em que as palavras usadas remetem a outras sugeridas ou evocadas. O campo da metáfora é o campo da poesia.

Por outro lado, mesmo na linguagem corrente usamos com frequência a conotação.

Já na frase "Quando desceu da lua, ouviu os ganidos do cachorro" (ASSIS, 2000), a expressão *desceu da lua* quer dizer *saiu do sonho*, da *fantasia*, *voltou à realidade* e tem a função de enriquecer sua expressividade, dando-lhe mais força. E assim um *uso estilístico* da conotação. Por outro lado, o emprego de muitos termos alusivos e conotativos pode obscurecer o sentido e prejudicar a clareza da expressão.

Sentido figurado e linguagem figurada são a significação secundária (conotativa), além da significação habitual.

Na língua diária usamos, muito frequentemente, sem nos darmos conta, a linguagem figurada.

As figuras de linguagem são recursos da linguagem que a tornam mais viva e expressiva. As figuras (que também são chamadas tropos) podem ser: de *palavras*, de *construção* ou de *pensamento*.

A *metáfora* e a *metonímia*, figuras de palavras, fazem parte da língua que usamos correntemente e não são prerrogativas da língua literária.

Assim, em expressões como "a chave da questão" ou "da discussão nasce a luz", as palavras *chave* e *luz* não estão utilizadas no seu sentido habitual, mas por associação de ideias estão no lugar de *solução* e *clareza*.

Há *metáforas linguísticas*, como as que demos como exemplos, em que não se percebe vestígio da inovação pessoal, e *metáforas literárias* (ou "estilísticas"), em que há uma intenção deliberada de criar um efeito emocional e estético. Exemplos:

"As borboletas perderam-se em uma das moitas mais densas da arca" (ASSIS, 2000).

"A madrugada vem se mexendo atrás do mato
Clareia
Os céus se espreguiçam" (BOPP, 2000).

A metáfora põe em relevo algum aspecto particular da realidade expressa. Seu valor na frase é de dar-lhe maior expressividade. A metáfora e a poesia, por assim dizer, estão sempre juntas.

Em relação ao uso da metáfora na língua usual ou na prosa (não literária), Mattoso Câmara Jr. aponta cinco aspectos a serem observados:

- 1 A metáfora tem de decorrer das necessidades da ênfase e da clareza.
- 2 Não deve ser forçada e artificial (muito original e fora do comum).
- 3 Não deve se desenvolver demais.
- 4 Não se devem acumular duas ou mais metáforas contraditórias na sequência de um pensamento.
- 5 Deve ser integral e não coincidir apenas em parte com a situação real.

Quando, na associação de significados, o elo entre dois elementos aparece claramente temos uma *comparação*.

Na linguagem corrente:

Claro como dia.
Água clara como cristal.

Na língua literária:

"Nacos de terra caída
vão fixar residência mais adiante
numa geografia em construção" (BOPP, 2000).

Aqui a palavra *como* está omitida, mas subentendida, tratando-se de uma comparação.

Na linguagem corrente muitas vezes empregamos comparações e metáforas que já estão familiarizadas, isto é, são usadas há tanto tempo que já fazem parte da língua e nem as percebemos como figuras. Exemplos: pé da mesa; barriga da perna; peito do pé.

Há casos em que as comparações e metáforas, já muito gastas, em vez de enriquecer a expressão linguística, ao contrário, a banalizam. Como no caso de frases que de tão repetidas na língua literária tornaram-se um lugar-comum. Exemplos:

"O véu diáfano da fantasia".

"O manto negro da noite".

"Campos verdejantes".

Ou no caso de frases como: "era uma aluna santa", "morreu como um passarinho", "esta mulher é uma víbora", "forte como um touro".

Este segundo tipo de linguagem, se empregada repetidamente, pode revelar pobreza de recursos expressivos. Dependendo do contexto e da habilidade do escritor, pode até servir como pitoresco registro de expressões incorporadas à linguagem do povo.

A produção textual envolve também o estilo. No sentido lato, estilo é a maneira pessoal de se realizar determinada coisa. Há estilos de composição musical, de pintura, de épocas, de cultura, estilos literários etc. No sentido estrito, consideramos estilo como a maneira de escrever.

O estilo pode se caracterizar pelo emprego de expressões e fórmulas próprias de uma classe, profissão ou grupo. Temos assim:

- estilo publicitário
- estilo didático
- estilo forense
- estilo militar etc.

Um indivíduo pode adotar diferentes estilos em situações diferentes, mas em geral o estilo é a marca pessoal, aquilo que distingue um autor do outro. Qualquer que seja o estilo adotado, no entanto, existem algumas qualidades básicas para um bom estilo.

A clareza é qualidade essencial da boa expressão.

Como lembramos anteriormente, a clareza da expressão decorre de uma clara formulação mental (quem pensa claramente, se expressa com clareza). A clareza se revela na estrutura frasal, na seleção do vocabulário adequado, na harmonia da composição.

Podemos identificar uma clareza *interna* (que é aquela da formulação do pensamento) e uma clareza *externa* (que é aquela que resume o bom uso da língua). Alguns erros cometidos frequentemente contra a clareza:

1 Ambiguidade do sujeito.

Em frases nas quais o sujeito está colocado após o verbo transitivo direto podem ocorrer confusões que cumpre evitar.

Exemplo: Ouviram as crianças os pais com atenção.

(Trata-se de as crianças ouvirem os pais ou os pais ouvirem as crianças?).

2 O possessivo de terceira pessoa.

Exemplo: Entregaram eles seus livros aos colegas.

(Os livros pertencem a *eles* ou *aos colegas*?)

3 O pronome relativo "*que*" (em casos de locuções de dois substantivos o pronome pode se referir a um ou outro elemento da locução).

Exemplo: Este é um aspecto da linguagem que empregamos.

(Empregamos o *aspecto* ou a *linguagem*?)

4 A partícula "*se*".

Exemplo: Feriu-se o estudante com gravidade.

(O estudante feriu a si próprio ou foi ferido?)

O emprego da linguagem adequada, da palavra exata e necessária e a busca da economia verbal são qualidades do estilo conciso.

Do texto jornalístico, da linguagem comercial, técnica, administrativa ou oficial, espera-se sempre o máximo de concisão.

Nos textos literários, porém, nem sempre a concisão é qualidade presente. Dependendo do contexto, a concisão pode se levada ao exagero, se transformar em um defeito, o laconismo.

A ausência total de concisão, o exagero, o derramamento e a repetição de muitas ideias ou vocábulos conduzem ao defeito da prolixidade, ao estilo prolixo.

A harmonia é parte do bom estilo que os sons dos vocábulos que compõem a frase sejam harmoniosos. A eufonia, isto é, a boa sonoridade das frases, é o princípio que deve orientar a composição.

Para isso, os grandes auxiliares são a sensibilidade e o ouvido, que nos fazem evitar as sonoridades desagradáveis, pelo som ou pelo sentido. Neste sentido, deve-se evitar a *cacofonia*, isto é, o encontro de vocábulos que formam um som desagradável ou um sentido não desejado.

Exemplo: O *drama* *duma* alma. (há repetições do som /d/ bem como do /m/, além de *duma* concluir com /a/ e *alma* se iniciar por /a/).

Já a *aliteração* é um efeito sonoro de repetição de um *som* que em um determinado contexto (sobretudo na linguagem poética) poderá ser um valioso recurso expressivo.

"Silêncios imensos se respondem..." (BOPP, 2000).

A repetição dos sons surdos – s – e nasais – en – favorecem a associação com as ideias de silêncio e mistério sugeridas pelo verso.

Em um texto de linguagem corrente, esta repetição de sons pode ter um efeito contrário, desagradável, prejudicando a eufonia da frase. Como, por exemplo, quando ocorre *eco*. *Eco* é a repetição de sons finais de palavras que ecoam desagradavelmente.

"Cirino saiu então caminhando com lentidão..." (TAUNAY, 1987).

Ou: Então, por *sugestão* do Diretor, chegou-se a uma *solução*.

Todas as formas de expressão escrita podem ser incluídas dentro do que denominamos **técnicas redacionais**. Assim, temos, como exemplos:

1 *Formas literárias*, como a descrição, a narração e, nestas, as formas simples (como a fábula, a lenda, o mito, a anedota) e as mais complexas, como o conto, a crônica, a novela, o romance e o poema.

2 *Formas de escrito científico*, como o registro de notas, o resumo, as anotações de leitura, o *curriculum vitae*, a descrição técnica, o relatório, a dissertação, a monografia, o ensaio, a tese.

3 *Formas de expressão comerciais e oficiais*, como, entre outros, o memorando, o ofício, o aviso, o requerimento, a ordem de serviço, o memorial, o parecer, a carta comercial.

As formas literárias são aquelas em que o objetivo da expressão não é apenas o de expressar ideias, mas fazê-lo de forma artística. A literatura é a *arte da palavra*, daí a importância que assume o aspecto estético nestas formas. A literatura parte da realidade, mas, como toda arte, é uma transfiguração do real, em que o artista recria a realidade por meio da língua.

Assim o texto, considerado no sentido literário, visa à expressão artística, daí decorrendo um diferente tratamento para a linguagem técnica ou para aquela que utilizamos na comunicação comercial.

Quando escrevemos uma carta, quando redigimos uma crônica, quando nos propomos a descrever uma cidade que visitamos, estamos trabalhando formas literárias e, mesmo que não sejamos escritores, é o manejo artístico da linguagem aquilo que buscamos.

Da linguagem literária participam inúmeras formas de expressão escrita e, mesmo que em nosso objetivo imediato não queiramos "fazer literatura", o redigir, na maior parte das vezes, implica não somente técnica como arte.

A rigor, poderíamos distinguir, dentro de um critério de perspectiva dos gêneros, as formas diretas, em que o autor explana seus pontos de vista dirigindo-se ao leitor (ou ouvinte). E aí incluiríamos a crônica, o discurso, as memórias, o diálogo, a carta e as formas indiretas, sejam elas as formas de ficção (como o conto, a novela, o romance), as formas poéticas ou as dramáticas.

Dentro destas duas formas (diretas ou indiretas) encontramos estruturas que nos servem de modelo numa ou noutra.

Assim, tanto num romance como em uma carta podemos ter descrições; tanto num conto como num trecho de memórias podemos ter narrações. Apresentamos, portanto, alguns modelos de expressão escrita independente de sua classificação.

Atividade

1 Na tirinha de humor de Thaves, um cágado fala para o outro: "Só os cágados têm noção exata de como é importante acentuar as palavras corretamente." Além da acentuação, qual outro recurso é fundamental na escrita?

- a) entonação
- b) ritmo
- c) repetição
- d) vírgula
- e) conversa face a face

2 Qual exemplo abaixo representa melhor um texto administrativo conciso e claro, adequado para leitor-cliente?

- a) Solicitamos o pagamento das mensalidades nas datas aprazadas no dito carnê, colaborando destarte para a manutenção precípua deste sodalício na orientação e assistência dos seus associados.
- b) Solicitamos o pagamento das mensalidades até as datas de vencimento constantes do carnê.
- c) O pagamento mensal é importante. A data do pagamento da mensalidade deve ser cumprida.
- d) Senhores clientes, solicitamos, por favor, o pagamento das mensalidades na data prevista.
- e) A solicitação que o pagamento seja na data prevista precisa ser cumprida.

3 A concisão de um texto implica, entre outros aspectos, o cuidado de não usar clichês e evitar repetição, tais como nos exemplos abaixo, exceto em:

- a) acabamento final
- b) empréstimo temporário
- c) planejar antecipadamente
- d) nada mais havendo a tratar, subscrevemo-nos
- e) em resposta a seu ofício

4 Em situações comunicativas mais formais, seja a redação de um documento, seja uma reunião de trabalho, algumas características são relevantes para a obtenção de um texto eficiente, exceto a característica:

- a) clareza
- b) racionalidade
- c) exatidão
- d) concisão
- e) ambiguidade

Respostas

1. Alternativa correta: d). Diferente da fala, a escrita é uma convenção e, como tal, há recursos convencionais: ortografia, acentuação gráfica e uso de vírgula. Entonação, ritmo, repetição e conversa face a face fazem parte da fala.

2. Alternativa correta: b). Exemplifica bem um texto enxuto, direto, sem termos antiquados e complicados como em a) nem construções confusas como em e).

3. Alternativa correta: e). Nas alternativas a, b, c, encontramos termos redundantes; afinal, acabamento é final; se é empréstimo, é um contrato temporário; e assim por diante. No caso da alternativa d, temos clichê; construção antiquada, que deve ser abolida em texto.

4. Alternativa correta: e). O autor deve construir seu texto tomando cuidado para não escrever frase que possa dar mais de um sentido. Para isso, ele precisa saber usar, por exemplo, o pronome possessivo de terceira pessoa (sua, seu), famoso em causar confusão.

4.2 Tipos e gêneros textuais

Veja a lista de mercado abaixo:

"feijão
pão de forma
sabonete
absorvente
sabão em pó ..."

Você considera essa lista um texto? Justamente por ser uma lista de mercado, em situação específica de comunicação, pode ser considerada um texto.

O texto tem vários tipos e gêneros. Entre os tipos, há a descrição e a narração.

Descrição é a representação verbal de um objeto (lugar, situação ou coisa), em que se procura assinalar os traços mais particulares ou individualizantes do que se descreve.

A descrição pode ser, mais do que uma "fotografia", uma interpretação daquilo que se descreve (desde que não se trate de uma descrição técnica).

O que se espera de uma descrição não é tanto a riqueza de detalhes (embora isto possa ser um elemento importante), mas sim a capacidade de observação aguda que deve revelar aquele que a realiza. O que se quer é a imagem, não uma cópia automática da realidade.

O escritor francês Honoré de Balzac foi considerado um dos "mestres" da descrição literária, pela sua capacidade de penetrar por detrás da aparência das coisas descritas, de penetrar a "alma" dos objetos. Suas descrições de ambientes são, por isso, verdadeiras peças de antologia.

Na descrição literária, portanto, é muito importante a questão do ponto de vista físico (a ordem) e mental (se a descrição é subjetiva e objetiva ou impressionista e expressionista).

Descrições de tipos: deve-se distinguir neste tipo de descrição o tipo da personagem (o que não é a mesma coisa). O autor pode aí limitar-se aos aspectos físicos ou atingir um retrato psicológico.

Na literatura brasileira, autores como Manuel Antônio de Almeida (com o seu Leonardo Pataca), Aluísio de Azevedo e Raul Pompéia (com o seu famoso Aristarco), por exemplo, foram grandes criadores de tipos.

Algumas personagens criadas pelos escritores são tão verdadeiras e correspondem tão autenticamente à psicologia e à vida dos povos que se transformam em verdadeiros tipos.

É o caso de algumas personagens de Machado de Assis (Capitu, por exemplo). Exemplo de descrição de tipo ou retrato:

Era alto, magro, vestido todo de preto, com o pescoço entalado num colarinho direito. O rosto aguçado no queixo ia-se alargando até a calva, vasta e polida, um pouco amolgada no alto; tingia os cabelos, que duma orelha à outra lhe faziam colar por trás da nuca – e aquele preto lustroso dava, pelo contraste, mais brilho à calva; mas não tingia o bigode: tinha-o grisalho, farto, caído nos cantos da boca. Era muito pálido; nunca tirava as lunetas escuras. Tinha uma covinha no queixo, e as orelhas grandes muito despegadas do crânio (QUEIROZ, 1966).

Descrição de paisagem: A descrição de paisagem deve procurar captar a “verdade da natureza”. Um dos erros em que incorrem muitas vezes os escritores é o de cair na fastidiosa enumeração de aspectos físicos da natureza, sem procurar interpretá-la. Os autores românticos, que realizaram a valorização da paisagem e da natureza como refúgio do homem, dedicaram páginas de grande valor literário às descrições de paisagens. Veja-se na literatura brasileira, por exemplo, as descrições de José de Alencar (na maioria de seus romances). Já Euclides da Cunha, com seu extraordinário talento de narrador, deu força e vigor às descrições da *terra brasileira*, transformando-se em legítimo modelo de descrição viva. Exemplo de descrição de paisagem:

Via, como em pintura colorida de folhinha: a palhoça de lascas de coqueiro rejuntadas de barro cinza, quase branco, o telhado lavado de chuva e amarelinho da trança de buriti – tudo lustroso do sol a meia altura; o curralzinho em frente, as duas manguieironas carregadas de fruta, o carro-de-boi de cabeçalho escorado no chão – penso, vazio e só. No fundo, próxima, a serra vestida de mataria verde-preta; o céu plaino, inteiriço, azul, sem uma painazinha de nuvem; de vermelho, só o pano pendurado no arame do quintal – saia de mulher, baeta de criança, ou lenço grande, desses de velha usar (PALMÉRIO, 1971).

A descrição técnica distingue-se da descrição literária pela finalidade a que se destina. É uma forma de descrever em que se visa a registrar objetivamente as características de um objeto, aparelho, lugar ou situação.

Neste sentido, é fundamental o senso de observação de quem descreve, seu rigor e precisão.

Para descrever um objeto, por exemplo, deve-se procurar defini-lo, apresentá-lo quanto à sua forma, tamanho, cor etc. (qualidades físicas), sua estrutura e modo como é construído. Conclusões quanto à sua importância e outras de caráter subjetivo não são necessárias em uma descrição técnica.

Narrar, por sua vez, significa *contar alguma coisa*. A matéria básica da narração é o *fato*, o acontecimento. Portanto, na ideia de narrar está implícita a *ideia da ação*, do acontecer.

Assim temos de considerar:

- O que narramos (o fato);
- Com quem ocorreu ou ocorre (o protagonista);
- Como ocorreu;
- Quando ocorreu;
- Por que ocorreu;
- O que ocorre a partir disso (a consequência deste fato).

Assim, na narração, as capacidades de ordenação e de observação são importantes, bem como a capacidade de interpretação, e, sobretudo, a imaginação. Literariamente falando, o escritor se revela pela sua capacidade de narrador, isto é, a capacidade de "inventar situações", imaginar circunstâncias, encadear os fatos.

A narração é a essência do conto, do romance, da novela.

São elementos de toda narração:

- A ordem do relato, que pode seguir o tempo cronológico ou o tempo psicológico.
- O ponto de vista do narrador.
- Deve-se levar em consideração se quem conta a história é seu personagem (protagonista) ou se é alguém que a observou de fora, ou ainda se é alguém que a rememora.
- Se o narrador participou da história, ele usará a primeira pessoa. Se quem conta apenas narra o que viu ou sobre o qual soube, usará então a terceira pessoa.
- O narrador que conta a história como quem sabe toda a verdade (o fato todo) é chamado de narrador onisciente.

- O enredo ou intriga é o encadeamento, a sucessão dos fatos, o conflito que se desenvolve. Quando o enredo apresenta situações conflituosas e antagônicas chegamos à dramaticidade.
- As novelas e os romances, sobretudo as novelas de televisão, atualmente buscam justamente essa dramaticidade.
- A excessiva dramaticidade pode atingir um exagero de mau gosto, aquilo que chamamos de “dramalhão” que, pela carga demasiada de situações conflituosas, pode atentar contra a verdadeira realidade.
- As situações dramáticas – de acordo com o envolvimento de seus protagonistas e com os riscos e conflitos que oferecem – podem ser as mais variadas.

Exemplos:

- a vingança;
- a fuga;
- a perda de alguma pessoa, a imprudência com consequências;
- a transgressão de regras, o sacrifício da pessoa amada,
- a desonra, o assassinio, a revolta etc.

Tema: o tema é a matéria do enredo.

Exemplo: o *tema da traição* tem um tratamento e assume um caráter diferente em Machado de Assis (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*) e em Gustave Flaubert (*Madame Bovary*).

O que importa aí são o ponto de vista do autor e o enredo.

Outro exemplo é o tema da *infância*, conforme Raul Pompéia (em *O Ateneu*) ou José Lins do Rego, em *Menino de Engenho*.

A narração pode ser real ou fictícia.

Assim as biografias, os perfis, as memórias (autobiografias) são também formas narrativas, mas não pertencem à narrativa de ficção.

Na forma mais simples e breve da narrativa de ficção, o núcleo de toda história é a *anedota*. Associa-se em geral a qualquer história curta, divertida, curiosa ou picante.

Entre as formas de narrativa de ficção incluímos: a fábula, a parábola, o mito, a saga, a lenda, a crônica, o conto, a novela e o romance.

A fábula: é uma narração alegórica cujas personagens são geralmente animais e que tem uma finalidade pedagógica, isto é, visa a ensinar uma moral. Associa-se a ideia de "fábula" com a de "história". Por isso se diz do "poder de fabulação" que tem um escritor querendo se referir à sua capacidade de inventar histórias.

A parábola: é uma narração alegórica em que se estabelece uma comparação com outra realidade superior. Na *Bíblia Sagrada*, os ensinamentos de Cristo foram geralmente traduzidos por meio da parábola, que é uma forma mais simples de ensinar verdades de ordem moral e filosófica. Por seu aspecto simbólico, assemelha-se à fábula.

A lenda ou saga, o mito, o conto de fadas: são formas simples de narrativas que estão impregnadas de tradições populares e participam da cultura coletiva. Os narradores destas formas produzem sua literatura (escrita) partindo daquilo que é o patrimônio da literatura oral. Exemplo: as lendas gaúchas contadas por J. Simões Lopes Neto, as histórias de fadas reunidas pelos irmãos Grimm ou as *Histórias da Velha Totonha*, contadas por José Lins do Rego.

A crônica: é uma narrativa de tipo variável, podendo ser mais de caráter ficcional (assemelhando-se ao conto) ou de caráter mais próximo à realidade (assemelhando-se até ao editorial jornalístico), em que o autor narra fatos, comentando-os e expondo seu ponto de vista.

É um gênero jornalístico por excelência e que tem grande difusão no Brasil.

O conto: é uma narração de ficção curta. No seu caráter de extensão reduzida, porém, não se definem exatamente suas características, pois há inúmeros tipos de contos. "Nas mãos de um contista todas as formas 'simples' se podem converter em contos." (KAYSER, 1968).

Dentro das formas modernas do conto podemos incluir o conto de ficção científica, o conto de terror ou mistério, o conto policial, o conto de "suspense".

A novela e o romance: Kayser diz: "O romance é a narrativa de um mundo particular, em tom particular." Entre a novela e o romance as diferenças se fazem pela maior extensão e a complexidade de estrutura do segundo. É muito comum em algumas literaturas não se fazerem diferenças entre as duas formas. Muitas obras que em português chamamos "romances", em sua língua original, o inglês, por exemplo, foram chamadas de *novel*, que traduzimos como "novela". Por exemplo, romances como *Tom Jones*, de Henry Fielding, que os ingleses classificam como *novel*, ou os latino-americanos publicados recentemente, como *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez, traduzido para o português como "romance".

Na novela e no romance, como formas de ficção, temos de considerar elementos como a personagem, o ambiente, a ação, o tempo, a estrutura. Esses elementos determinam o tipo do romance. O estudo aprofundado desses aspectos é objeto específico da teoria literária.

O texto tem gêneros textuais, que fazem parte do discurso literário (poema, romance, novela, conto etc.), do discurso jornalístico (notícia, reportagem, charge etc.), do discurso jurídico (alvará, lei, petição etc.), do discurso científico (resumo, monografia, artigo científico etc.).

Sobre os textos científicos, segundo o professor Celso Pedro Luft (1970):

"A tarefa universitária escrita, a dissertação, a monografia, a tese, todo e qualquer trabalho escrito de caráter científico requer técnica e métodos rigorosos, tanto na feitura como na apresentação."

Incluem-se no que chamamos "escrito científico" formas como registros de notas de aula, anotações de leituras, o *curriculum vitae*, as descrições técnicas, os relatórios, a dissertação, a monografia, o ensaio.

Nesta lista, que não esgota o assunto, os trabalhos estão arrolados do mais simples ao mais complexo, mas em todos eles se exigem qualidades de método, organização, rigor, observação e respeito às normas técnicas.

Ao assistir a uma aula, para que o registro do que ouvimos seja eficiente e valioso para o estudo, é preciso dar atenção às palavras que têm significado especial no contexto.

Deve-se ainda registrar particularmente as palavras de ordenação e aquelas a que o expositor dá mais força. Exemplos: *primeiro* de tudo, *antes* de mais nada, *entretanto* (argumento contrário), *por que*.

As anotações podem ser feitas como *notas corridas*, como *observações esquemáticas* ou em *forma de resumos*. A primeira forma é útil quando ouvimos uma conferência ou aula em que o expositor fala muito rapidamente. As notas esquemáticas são usadas para preparar textos para estudo e a forma de resumo – que é mais difícil, mas mais interessante, porque supõe apreensão do conteúdo – funciona também para a segunda situação e é um auxiliar valioso para a fixação de conhecimentos.

A leitura e as anotações são etapas importantes para a realização do trabalho científico.

Saber tomar notas de leitura é importantíssimo e nesta tarefa entra em consideração saber o *que*, *como* e *onde* anotar.



Lembrete

Não se toma nota de tudo o que se lê, mas apenas daquilo que nos interessa em função da nossa pesquisa ou estudo.

Quando se resume um texto, toma-se nota de seus tópicos, mas quando se deseja anotar a opinião do autor, convém que se transcreva o texto literalmente, *ipsis litteris*, isto é, palavra por palavra, dando todas as indicações sobre o mesmo.

As anotações feitas em fichas têm a vantagem de poderem ser acrescentadas e/ou substituídas à medida que o trabalho vai se desenvolvendo. As fichas podem ser organizadas *por autor* (quando seu conteúdo não é muito diversificado) ou *por assunto*.

O resumo, em geral, guarda mais ou menos a quarta parte do texto original. Ele deve conter os pontos essenciais do texto, preservando-se as intenções do autor, mantendo sua ênfase e dando atenção maior àquilo de que o autor trata mais longamente. Para poder bem resumir é necessário o exercício de capacidade de atenção, síntese e, sobretudo, muita *objetividade*. O resumo deve ser, antes de mais nada, fiel ao texto de que trata.

Sinopse é "a apresentação concisa do texto de um artigo, obra ou documento que acompanha, devendo ser redigida pelo autor ou editor", escreve a autora do livro *Redação Técnica* (1974).

As sinopses são frequentes, sobretudo em trabalhos científicos, tais como teses, e são de grande utilidade na consulta bibliográfica.

O relatório é utilizado principalmente na área da pesquisa científica, mas também na área técnico-administrativa.

Seu objetivo é comunicar resultados de trabalhos, pesquisas, visitas, projetos realizados etc. Deve, portanto, ser claro, completo e rigorosamente fiel à realidade.

Contém folha de rosto, sumário, sinopse, introdução, desenvolvimento, conclusões ou considerações finais. Pode conter apêndices que incluem documentos, comprovantes, gráficos, fotografias ou outros.

O relatório parcial presta contas de uma parte do trabalho que já foi concluída. O relatório final descreve toda uma atividade e visa a dar uma ideia global de seus resultados.

O relatório técnico, administrativo ou científico engloba outras variedades de redação técnica, como descrição de objeto, de processo, narrativa de fatos, sumário e a argumentação. Há vários tipos de relatório administrativo, como de rotina, de tomada de contas, relatório contábil.

Artigo-relatório é um tipo de relatório que costuma aparecer em revistas especializadas. Este tipo de redação contém: o *sumário* (que deve conter o assunto de forma tal que o leitor se anime a ler todo o texto), uma *introdução*, um *desenvolvimento* e uma *conclusão*. Pode incluir ainda recomendações e apêndices, além do índice e das referências bibliográficas.

Curriculum vitae, documento cujo nome é tomado por empréstimo do latim (e significa trajetória de vida), é um documento mediante o qual se organizam os dados pessoais e as informações referentes aos interesses especiais e à vida profissional de alguém. Destina-se em geral a documentar e a comprovar informações em casos de pedidos de emprego, auxílios para cursos, bolsas de estudo e projetos, participação em congressos, encontros etc.

O *curriculum vitae* pode ser uma carta de apresentação, uma lista de dados ou um formulário.

Sua linguagem deve ser objetiva, sem julgamentos pessoais ou comentários; deve ser redigido na língua da pessoa ou entidade a que se destina.

A concisão, a objetividade, a exatidão são qualidades básicas para a redação do *curriculum vitae*.

Basicamente deve conter:

- 1 Dados pessoais (data de nascimento, local, filiação).
- 2 Educação (básica, graduação, especialização, pós-graduação etc.).
- 3 Experiência profissional e áreas de atuação.
- 4 Distinções recebidas e referências.

Dependendo do objetivo e do destino que deverá ter, as diversas partes do *curriculum* devem ser ampliadas e/ou destacadas. Por exemplo, se se deseja obter um determinado emprego, é interessante destacar as experiências já realizadas naquela área ou, se isso não ocorre, a formação e as habilidades adquiridas para aquele tipo de função.

Seu modelo mais comum, que tradicionalmente conserva a identificação escrita em latim, contém os seguintes itens:

CURRICULUM VITAE

Nome: Antonio Joaquim Rodrigues

Data de nascimento: 17/11/1977

Nacionalidade: brasileiro

RG: 37383940-9

CPF: 237238239/04

Endereço: Rua Pascal Lamure, 23 - ap. 11

04573-060 - São Paulo, SP

Tel.: 11 8312-2138 – Cel. 9557-7559

E-mail: anjoro@hotmail.com

Bacharel em Engenharia de Software, pela Faculdade de Engenharia da UNIP de São Paulo.

Curso de Produção Gráfica e Animação, na ECA da Universidade de São Paulo, 2009.

. Espanhol (fluência)

. Francês (fluência)

. Inglês (fluência)

. Alemão (noções básicas)

São Paulo, fevereiro de 2010.

Atenção: o currículo também deve informar, quando possível, a experiência profissional de seu autor e suas referências.

A dissertação é a exposição desenvolvida a respeito de um tema. Supõe uma *sistematização* e *ordenação* dos dados de que se dispõe sobre o assunto e sua *interpretação*; pode ainda apenas expor um assunto ou desenvolver uma argumentação sobre ele. São partes da dissertação:

- 1 *Introdução*: apresenta o assunto, a ideia principal, sem, no entanto, antecipar seu desenvolvimento.
- 2 *Desenvolvimento*: se desenvolvem os argumentos ou se expõem as ideias sobre o tema da dissertação.



Observação

Se a dissertação for argumentativa deve-se expor os argumentos separando os que são contra dos que são a favor da proposta inicial.

O desenvolvimento pela ordenação das ideias deve conduzir à conclusão.

- 3 *Conclusão*: a conclusão deve se ligar ao desenvolvimento por uma ideia ou parágrafo encadeador.

Deve ser claramente enunciada e se ligar à proposta inicial. Ela é a resposta a uma pergunta que nos propusemos quando iniciamos o trabalho e que deve estar implícita em todo o desenvolvimento de nossas ideias. É na conclusão que o autor define claramente sua posição diante do assunto. Na *dissertação argumentativa* podemos identificar diferentes tipos de argumentos:

- 1 Argumentos com uma única razão.
- 2 Argumentos com diversas razões.
- 3 Argumentos como *silogismo*.
- 4 Evidências (experiência pessoal, autoridade e axiomas).

Entre as "evidências" mais comuns temos os exemplos, as ilustrações, os dados estatísticos e o testemunho.

No desenvolvimento da argumentação é necessário que se desenvolvam raciocínios lógicos. O método do raciocínio pode ser *indutivo* ou *dedutivo*. Usamos o método dedutivo quando, por exemplo, parte-se de uma *norma* para chegar a um fato específico. A expressão formal do método dedutivo é o *silogismo*. O método será *indutivo* se partirmos de experiências e observações para chegarmos a um princípio.

É preciso cuidar para não incorrer em *falácias* ou sofismas (que são um raciocínio vicioso), que podem se apresentar também como: falsos axiomas, observações inexatas, ignorância da causa ou falsa causa, erros de acidente (quando se toma o accidental como se fosse essencial), falsas analogias. Nas frases abaixo, por exemplo, temos *falsos raciocínios*.

- 1 João da Silva é um mau estudante porque se dedica aos esportes.
(Temos aqui um erro de raciocínio que é o *de causa*, uma falsa causa).
- 2 Os brasileiros são boas-vidas, só pensam em samba e futebol.
(Falsa generalização, em que se toma o accidental como essencial).
- 3 A natação é muito perigosa porque prejudica os pulmões.
(Ignorância da questão; afirmação que revela o desconhecimento do assunto).

A monografia é o trabalho científico utilizado nos meios universitários.

No sentido lato, é todo trabalho científico resultado da investigação científica, apresentado em primeira mão.

Neste sentido, incluem-se nesta categoria os informes científicos, as dissertações científicas e os relatórios de pesquisa, por exemplo. As "monografias" de fim de seminários, por exemplo, não constituem autênticas monografias, pois não são autênticos trabalhos de investigação científica, mas apenas de início de uma investigação.

No sentido estrito, identifica-se com a *tese* que é o "tratamento escrito de um tema específico que resulta da investigação científica com o escopo de apresentar uma contribuição relevante ou original e pessoal à ciência" (Salomon, 1974).

Com relação ao conceito de "originalidade", convém lembrar que em ciência caminhamos sempre em um processo de cumulação e o que está em jogo em uma monografia é a atualização, a contemporaneidade da investigação e dos pontos de vista adotados.

A monografia se estrutura da mesma maneira que a dissertação, isto é, deve ter:

- 1 Introdução;
- 2 Desenvolvimento;
- 3 Conclusão.

Além disso, entre os trabalhos monográficos podemos citar:

- 1 A *memória científica* – que é geralmente um trabalho de término de curso e que é um tipo especial de "tese". Suas normas são decididas pela banca ou comissão que vai julgá-la.

- 2 A *dissertação científica* – que é uma tese inicial; tem finalidade didática e função de treinar o aluno para a tese verdadeira. Sua redação obedece às mesmas técnicas da monografia.
- 3 A *tese de doutoramento* – é uma monografia em que se propõe uma contribuição original, uma nova teoria, em que se comprova uma experiência.

Em sentido lato, toda tese de doutoramento é uma monografia e as distinções entre uma e outra são muito sutis e, talvez, desnecessárias.

Nas monografias, como nas dissertações e nos trabalhos científicos em geral, é preciso atentar para aspectos formais, como: registro da bibliografia utilizada para o trabalho, anotações e referências bibliográficas. Estes aspectos, no Brasil, estão regulamentados pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e obedecem a princípios fixos e rigorosos.

É necessário que, ao redigir um trabalho científico, se observem essas normas, consultando-se bibliografia especializada ou servindo-se do auxílio de um especialista.

Uma das espécies de escrito científico é o *ensaio*, em que se desenvolve uma proposta pessoal sobre um determinado assunto. Quanto à sua forma, deve obedecer aos mesmos critérios da redação da monografia; porém, como a *tese*, o *ensaio* deve se encaminhar preferentemente a uma proposição original. O ensaio é um meio caminho entre a monografia e a tese. Por sua forma elaborada de linguagem, muitas vezes o ensaio pode estar incluído entre as formas literárias.



Saiba mais

O apoio de bons conteúdos como os abaixo relacionados serão sempre de grande importância no desenvolvimento de técnicas de redação e expressão:

CAMPEDELLI, S. *Produção de textos e usos da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

FARACO, C. A. *Prática de texto*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CAHEN, R. *Comunicação empresarial*. 8. ed. São Paulo: Best Seller, 1990.

ABREU, A. S. *Curso de redação*. 11. ed. São Paulo: Ática, 2002.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

BECHARA, E. *Lições de Português pela análise sintática*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967.

CÂMARA JR., J. M. *Manual de expressão oral e escrita*. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1961.

KAYSER, W. *Análise e interpretação da obra literária*. Coimbra: Duas Cidades, 1968. 2 v.

KNELLER, G. *Arte e ciência da criatividade*. São Paulo: IBRASA, 1971.

PEIXOTO DA SILVA, R. *Redação técnica*. Porto Alegre: Formação, 1974.

PINO, D. del. *Introdução ao estudo da literatura*. Porto Alegre: Movimento, 1970.



Resumo

Redigir, compor uma redação, um texto, é uma técnica que implica domínio de capacidades linguísticas. Assim, estamos diante de processos intelectuais que envolvem, basicamente, dois momentos: o de formular pensamentos (aquilo que se quer dizer) e o de expressá-los por escrito.

A *linguagem escrita* é diferente da linguagem oral. Assim, a condição básica para bem redigir é que se tenha presente e claro o conteúdo do que se quer expressar e aprender os padrões linguísticos observando como escrevem os bons escritores. São assim etapas do processo de escrever:

- 1 A criação e formulação de ideias (conceber e organizar).
- 2 A expressão escrita dessas ideias.

Na segunda fase é que se torna muito importante o domínio do código escrito, ou seja, a boa execução da linguagem.

A expressão escrita

A linguagem escrita tem de ser mais elaborada, mais clara, mais definida do que a linguagem oral. A maior permanência da forma escrita é que assegura a continuidade da tradição linguística dos povos.

As questões do código escrito

O parágrafo

A estrutura e a composição do parágrafo se relacionam com as ideias que queremos expressar. Dentro do mesmo parágrafo podemos ter diferentes ideias, desde que elas, reunidas, formem uma ideia maior. São qualidades principais do parágrafo a unidade e a coerência.

O período. A frase

O período traz um pensamento completo que, embora se relacionando com os anteriores ou se ampliando nos posteriores, forma um sentido completo.

O período pode ser simples ou composto. No período simples temos apenas uma oração; no período composto, temos várias orações articuladas entre si.

A predominância de períodos longos ou curtos na composição de um texto depende muito do estilo de quem escreve. Na linguagem moderna predomina o uso de períodos curtos. O uso de períodos curtos oferece a vantagem de maior clareza de pensamento (e, em última análise, de comunicação), evitando-se o perigoso entrelaçamento de frases em que se pode perder quem utiliza períodos muito longos.

Além das relações entre as frases do período, é importante observar, na questão da redação, os aspectos morfosintáticos, isto é, as relações entre as palavras (sintaxe) de acordo com suas categorias (morfologia).

Essas relações podem ser de *adaptação*, de *dependência* e de *disposição*. Assim é que temos os casos de:

- Concordância (adaptação)
- Regência (dependência)
- Colocação (disposição)

A *sintaxe de concordância* ocupa-se das flexões dos adjetivos e dos verbos com os substantivos. Assim temos:

Concordância nominal – se estabelecem as relações entre substantivos ou pronomes e adjetivos. A concordância nominal é um dos aspectos essenciais na composição da frase.

Concordância verbal – refere-se à harmonia, ao acordo entre o verbo e seu sujeito (expresso por substantivo ou pronome).

A *sintaxe de regência* trata das relações de dependência (de subordinação) dentro da frase. Temos, neste caso:

- *Regência nominal* – determina os tipos de conexão (preposição) exigidos por determinados nomes.
- *Regência verbal* – refere-se às conexões que determinados verbos requerem.

Finalmente, a *sintaxe de colocação* trata da ordem dos termos na frase e da disposição das orações no período.

- Ordem direta: sujeito, predicado e adjunto adverbial.
- Ordem indireta: é geralmente adotada por *critérios psicológicos e estilísticos*. O abuso na utilização da ordem indireta, sem critérios de gosto e clareza, pode contribuir para tornar a frase obscura, ambígua.

Em Português, a ordem predominante é a direta, isto é, os termos regidos (ou determinados) precedem os regentes (ou determinantes).

A correção linguística ou gramatical

Além das questões de sintaxe, há ainda a considerar a correção de linguagem. O conceito de correção está vinculado ao padrão da língua culta. Hoje em dia, o conceito de correção é muito mais flexível e liga-se mais ao conceito de adequação da linguagem. A linguagem deve ser adequada ao assunto, ao ouvinte ou leitor (aquele para quem falamos ou escrevemos), à situação etc. O uso da língua está na dependência de:

- 1 Fatores individuais.
- 2 Influência da língua popular (os usos).
- 3 Interferência das diferenças regionais ou locais.

Para padronizar esses desvios existe a gramática, que funciona como uma disciplina normalizadora.

Alguns critérios devem ser respeitados para obter um bom desempenho linguístico. São eles basicamente os critérios de correção quanto a(o):

- 1 Emprego do plural (atentando-se aí ao plural e às questões de concordância verbal e nominal, verificando-se, sobretudo, a questão dos nomes compostos).
- 2 Emprego do gênero.
- 3 Formas verbais.
- 4 Formas pronominais.

A ortografia

É a grafia ou a escrita correta das palavras. A representação gráfica daquilo que vamos expressar. Ela determina o uso das maiúsculas e minúsculas, pontuação, acentuação gráfica, uso de abreviaturas e siglas, divisão silábica, nomes próprios etc. É muito importante para a expressão escrita na medida em que colabora para a clareza da expressão. Com relação à ortografia, dois tipos de erros graves podem ser cometidos:

- 1 erros que revelam o desconhecimento do valor das letras;
- 2 erros na grafia de palavras.

Seleção do vocabulário

A eficiência de uma comunicação linguística depende da escolha adequada das palavras.

Com relação ao contexto, podemos identificar um *contexto verbal* (o da página impressa ou manuscrita), um contexto da situação e um da *experiência*.

A utilização de sinônimos, por sua vez, concorre para que se evitem as repetições, as redundâncias.

Para isso, o autor pode também recorrer à elipse (supressão) de palavras, ao uso do pronome e a uma nova construção de frase para expressar a mesma ideia.

Além da questão dos *sinônimos*, com relação ao sentido das palavras devemos atentar para:

- 1 Seu sentido **denotativo** (ou referencial) – que é a sua significação mais próxima, mais imediata.

- 2 Seu sentido **conotativo** (ou afetivo) – que é o sentido sugerido por associações e que está vinculado a emoções, sentimentos, conceitos, portanto de uma realidade menos próxima.

A conotação é a essência da linguagem metafórica e da poética.

Sentido figurado e linguagem figurada

É a significação secundária (conotativa), além da significação habitual. A *metáfora* e a *metonímia*, figuras de palavras, fazem parte da língua que usamos correntemente e não são prerrogativas da língua literária.

Emprego da metáfora

O uso da metáfora na língua usual ou na prosa (não literária) aponta cinco aspectos a serem observados:

- 1 A metáfora tem de decorrer das necessidades da ênfase e da clareza.
- 2 Não deve ser forçada e artificial (muito original e fora do comum).
- 3 Não deve se desenvolver demais.
- 4 Não se devem acumular duas ou mais metáforas contraditórias na sequência de um pensamento.
- 5 Deve ser integral e não coincidir apenas em parte com a situação real.

Estilo

O estilo pode se caracterizar pelo emprego de expressões e fórmulas próprias de uma classe, profissão ou grupo. No sentido lato, estilo é a maneira pessoal de se realizar determinada coisa. Há estilos de composição musical, de pintura, de épocas, de cultura, estilos literários etc. No sentido estrito, consideramos estilo como a maneira de escrever.

Clareza

A clareza é qualidade essencial da boa expressão. Ela se revela na estrutura frasal, na seleção do vocabulário adequado, na harmonia da composição.

Concisão

Obtém-se com o emprego da linguagem adequada, da palavra exata e necessária; a busca da economia verbal são qualidades do estilo conciso.

Harmonia

É parte do bom estilo que os sons dos vocábulos que compõem a frase sejam harmoniosos. A eufonia, isto é, a boa sonoridade das frases, é o princípio que deve orientar a composição. Neste sentido, deve-se evitar a *cacofonia*, isto é, o encontro de vocábulos que formam um som desagradável ou um sentido não desejado. Já a *aliteração* é um efeito sonoro de repetição de um som que em um determinado contexto (sobretudo na linguagem poética) poderá ser um valioso recurso expressivo.

Tipos de redação

Todas as formas de expressão escrita podem ser incluídas dentro do que denominamos técnicas redacionais. Assim, temos, por exemplo:

- 1 *Formas literárias*, como a descrição, a narração e, nestas, as formas simples (como a fábula, a lenda, o mito, a anedota) e as mais complexas, como o conto, a crônica, a novela, o romance e o poema.
- 2 *Formas de escrito científico*, como o registro de notas, o resumo, as anotações de leitura, o *curriculum vitae*, a descrição técnica, o relatório, a dissertação, a monografia, o ensaio, a tese.
- 3 *Formas de expressão comerciais e oficiais*, como, entre outros, o memorando, o ofício, o aviso, o requerimento, a ordem de serviço, o memorial, o parecer, a carta comercial.

Descrição

É a representação verbal de um objeto (lugar, situação ou coisa), em que se procura assinalar os traços mais particulares ou individualizantes do que se descreve.

Narração

Narrar significa *contar alguma coisa*. A matéria básica da narração é o *fato*, o acontecimento.

A narração é a essência do conto, do romance, da novela.

São elementos de toda narração:

- 1 A ordem do relato, que pode seguir o tempo cronológico ou o tempo psicológico.
- 2 O ponto de vista do narrador.

Narrativa de ficção

Na forma mais simples e breve da narrativa de ficção, o núcleo de toda história é a *anedota*. Associa-se em geral a qualquer história curta, divertida, curiosa ou picante.

Entre as formas de narrativa de ficção incluímos: a fábula, a parábola, o mito, a saga, a lenda, a crônica, o conto, a novela e o romance.

Poema

De uma forma elementar, poesia é a arte de fazer versos. O verso é o elemento básico do poema, peça da criação poética.

Formas do escrito científico

Escreveu o professor Celso Pedro Luft (1970):

A tarefa universitária escrita, a dissertação, a monografia, a tese, todo e qualquer trabalho escrito de caráter científico requer técnica e métodos rigorosos, tanto na feitura como na apresentação.

Incluem-se dentro do que chamamos "escrito científico" formas como registros de notas de aula, anotações de leituras, o *curriculum vitae*, as descrições técnicas, os relatórios, a dissertação, a monografia, o ensaio.

Dissertação

É a exposição desenvolvida a respeito de um tema. São partes da dissertação:

- 1 *Introdução* – em que se apresenta o assunto, se apresenta a ideia principal, sem, no entanto, antecipar seu desenvolvimento.
- 2 *Desenvolvimento* – em que se desenvolvem os argumentos ou se expõem as ideias sobre o tema da dissertação.

- 3 *Conclusão*: A conclusão deve se ligar ao desenvolvimento por uma ideia ou parágrafo encadeador.

Na *dissertação argumentativa* podemos identificar diferentes tipos de argumentos:

- 1 Argumentos com uma única razão.
- 2 Argumentos com diversas razões.
- 3 Argumentos como silogismo.
- 4 Evidências (experiência pessoal, autoridade e axiomas).

Monografia

A monografia é o trabalho científico utilizado nos meios universitários.

No sentido lato, é todo trabalho científico resultado da investigação científica, apresentado em primeira mão.

No sentido estrito, identifica-se com a tese que é o "tratamento escrito de um tema específico que resulta da investigação científica com o escopo de apresentar uma contribuição relevante ou original e pessoal à ciência".

Estrutura da monografia:

- 1 Introdução;
- 2 Desenvolvimento;
- 3 Conclusão.

Além disso, entre os trabalhos monográficos podemos citar:

- 1 A *memória científica* – que é geralmente um trabalho de término de curso e que é um tipo especial de "tese".
- 2 A *dissertação científica* – que é uma tese inicial; tem finalidade didática e função de treinar o aluno para a tese verdadeira.
- 3 A *tese de doutoramento* – é uma monografia em que se propõe uma contribuição original, uma nova teoria, em que se comprova uma experiência.

Ensaio

Uma das espécies de escrito científico é o *ensaio*, em que se desenvolve uma proposta pessoal sobre um determinado assunto. O ensaio é um meio caminho entre a monografia e a tese. Por sua forma elaborada de linguagem, muitas vezes o ensaio pode estar incluído entre as formas literárias.



Exercícios

Questão 1. Assinale a alternativa que apresenta as duas funções de linguagem predominantes nos fragmentos a seguir:

Maria Rosa quase que aceitava, de uma vez, para resolver a situação, tal o embaraço em que se achavam. Estiveram um momento calados.

– Gosta de versos?

– Gosto...

– Ah...

Posou os olhos numa oleografia.

– É brinde de farmácia?

– É.

– Bonita...

– Acha?

–Acho... Boa reprodução...

Orígenes Lessa. O feijão e o sonho.

Sentavam-se no que é de graça: banco de praça pública. E ali acomodados, nada os distinguia do resto do nada. Para a grande glória de Deus.

Ele: – Pois é.

Ela: – Pois é o quê?

Ele: – Eu só disse "pois é"!

Ela: – Mas "pois é" o quê?

Ele: – Melhor mudar de conversa porque você não me entende.

Ela: – Entender o quê?

Ele: – Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já.

Clarice Lispector. A hora da estrela.

- a) Poética e fática
- b) Fática e emotiva
- c) Emotiva e referencial
- d) Referencial e conativa
- e) Conativa e poética

Resposta correta: alternativa "a".

Análise das alternativas:

- a – Resposta correta

Justificativa: O texto de Orígenes Lessa privilegia o fazer poético. Apesar de simples, o texto mostra o embaraço de Maria Rosa diante das investidas do seu interlocutor. A prosa é permeada pelo silêncio dos interditos. O texto de Clarice Lispector é um diálogo que não progride. A mensagem se orienta sobre o canal de comunicação ou contato.

b – Resposta incorreta

Justificativa: O texto de Orígenes Lessa não privilegia o canal ou contato. O texto de Clarice Lispector não imprime as marcas da atitude pessoal de nenhum dos interlocutores envolvidos no diálogo.

c – Resposta incorreta

Justificativa: O texto de Orígenes Lessa imprime as marcas da atitude pessoal dos interlocutores envolvidos no diálogo. O texto de Clarice Lispector, no entanto, não privilegia o referente da mensagem, buscando transmitir informações objetivas, de caráter científico.

d – Resposta incorreta

Justificativa: O texto de Orígenes Lessa não privilegia o referente da mensagem, buscando transmitir informações objetivas, de caráter científico. O texto de Clarice Lispector não é organizado de forma a persuadir o interlocutor da mensagem.

e – Resposta incorreta

Justificativa: O texto de Orígenes Lessa não é organizado de forma a persuadir o interlocutor da mensagem. O texto de Clarice Lispector não privilegia o fazer poético.

Questão 2. (ENEM 2009 – com adaptações) Predomina no texto abaixo a função de linguagem:

Canção do vento e da minha vida

O vento varria as folhas,
o vento varria os frutos,
o vento varria as flores...

E a minha vida ficava
cada vez mais cheia
de frutos, de flores, de folhas.

O vento varria as luzes,
o vento varria as músicas,
o vento varria os aromas...

E a minha vida ficava
cada vez mais cheia
de aromas, de estrelas, de cânticos.

O vento varria os sonhos
e varria as amizades...
o vento varria as mulheres.

E a minha vida ficava
cada vez mais cheia
de afetos e de mulheres.

O vento varria os meses
e varria os teus sorrisos...
o vento varria tudo!

E a minha vida ficava
cada vez mais cheia
de tudo.

Manuel Bandeira (de Estrela da Manhã, em *Antologia Poética*, org. Emmanuel de Moraes, José Olympio Editora, Rio, 1986)

- a) Fática, porque o autor procura testar o canal de comunicação.
- b) Metalinguística, porque há explicação do significado das expressões.
- c) Conativa, uma vez que o leitor é provocado a participar de uma ação.
- d) Referencial, já que são apresentadas informações sobre acontecimentos e fatos reais.
- e) Poética, pois chama-se a atenção para a elaboração especial e artística da estrutura do texto.

Resolução desta questão na Plataforma.
